



maçã
do amor



• vol. XVI •

Esta revista é mantida pelo trabalho de voluntários

REVISTA MAÇÃ DO AMOR



Uma revista cheia de açúcar

GREGOS E ROMANOS

MAIO DE 2026

SÃO PAULO-SP

A Revista Maçã do Amor é uma publicação digital cujo objetivo é divulgar e unir artistas de escrita e artes visuais, valorizando e expondo a arte nacional. A Maçã do Amor acredita em duas coisas: que todo mundo merece uma história de amor e que cada um tem uma visão única do que é amor, por isso a proposta é colocar em destaque o amor romântico.

Nossa missão é incentivar escritores e artistas visuais a descobrirem seu potencial criativo, entrando em contato com seus sentimentos e promovendo troca de experiência e valorização de artistas nacionais.

Carta da Editora

Querido Leitor,

Ao longo dos séculos, poucas histórias se mostraram tão atemporais quanto o legado da cultura greco-romana. Seus mitos, personagens e dilemas ultrapassam as ruínas dos templos e ecoam até hoje: moldando a arte, a literatura e, conseqüentemente, nossa forma de ver o mundo.

Nesta edição, te convidamos a atravessar os portões do submundo, caminhar entre as sombras e buscar a luz para reencontrar figuras que persistem na memória coletiva da humanidade.

Muito mais do que mitos, as histórias gregas e romanas nos fazem refletir sobre a condição humana: o amor, o poder, o perdão, a vaidade e o destino.

Se até os deuses sofrem por amor e sucumbem às suas emoções, como poderiam nós, meros mortais, escapar de tal destino?

Nas próximas páginas, prepare-se para se encantar com contos que retratam mitos sob novas perspectivas, além de textos que exploram a influência da mitologia greco-romana na literatura até os dias atuais.

Que seja uma leitura mágica e inesquecível!

Tatiane Lucheis



(Não) Existe Amor na Grécia Antiga	8
Thais Rocha	
Boa Viagem	16
Jhan Daetwyler	
Prova de Amor	22
Carol Saiki	
Ao Meu Eterno Amado	36
Natalia Pretto Zolonoff Leite	
Memórias	39
Elaiza Kós	
Entre Canção de Aquiles e Cidade de Hades	41
Luísa Scheid	
Sem Título	56
Eli Silvestre	
A Oferenda	60
Victoria Barros	

(Não) Existe Amor na Grécia Antiga

AUTORIA THAIS ROCHA

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Thais é geminiana com ascendente em aquário, o que é um desafio constante para sua lua em capricórnio, única responsável por mantê-la ancorada na terra. Adora ler e escrever coisas trevosas e tem uma história pronta para contar toda vez que perguntam por que odeia tanto Platão. Seu encontro perfeito envolve queijo, batata frita e conversas estimulantes sobre assuntos potencialmente inúteis.

Quando falamos em amor romântico, há uma série de características e expectativas que de imediato nos vêm à mente: idealização, atração, paixão, conexão de almas, sentimento de união, vontade de ficar perto da pessoa amada, talvez pensamentos um pouco obsessivos, e até mesmo efeitos físicos, como um coração acelerado, frio na barriga e suor excessivo.

Essa ideia do amor romântico, como entendemos hoje, pode ser considerada uma “invenção”, e mais ainda, uma bem recente: tem suas primeiras raízes lançadas no século XII, com o amor cortês das novelas de cavalaria europeias, e só vai se estabelecer mesmo com o Romantismo, no final do século XVIII. Quando voltamos tão longe quanto à Grécia antiga (que começa seu tempo histórico por volta de 800 a.e.c.), falar de amor romântico se torna um anacronismo dos mais deslocados.

Não existe amor romântico na Grécia antiga.

Ao menos, não cumprindo com nossas expectativas sobre como deve se caracterizar o romance de um casal. Ao ler um texto produzido na Grécia deste tempo, não encontraremos histórias de casais perdidamente apaixonados um pelo outro, não acompanharemos os momentos que os fizeram se apaixonar e, acima de tudo, não encontraremos um “e viveram felizes para sempre”.

Mas isso quer dizer que os gregos não amavam?

De forma alguma! Isso apenas é um lembrete de que até mesmo a forma como vemos e entendemos emoções e relacionamentos passa pelo filtro cultural: mesmo se estivermos consumindo obras de um mesmo ano, não podemos esperar que emoções sejam expressas da mesma forma no Brasil, na Alemanha, no Japão, na Nigéria e assim por diante. Quando além do recorte geográfico incluímos também um salto cronológico tão intenso, mais cuidado ainda precisa ser tomado: de

forma que tentemos nos aproximar daquele texto com o mínimo possível de expectativas que são apenas nossas e não condizem com a realidade daquele contexto cultural.

Um tipo de amor que era muito valorizado na literatura grega e na forma como seus personagens se relacionam é a *philía*, que podemos traduzir como amizade, mas que indica uma complexa relação social estabelecida, principalmente entre famílias e seus representantes masculinos. A hospitalidade era um valor muito importante ao homem grego, e as relações de troca desses favores de hospitalidade estabeleciam-se enquanto *philía*.

Quando o assunto é casamento, por sua vez, não há qualquer expectativa de amor. A ideia de que devemos nos casar por amor começou a se popularizar no Ocidente com os romances burgueses do século XIX. Em sua essência e origem, casamentos eram acordos estabelecidos entre famílias de forma a obter resultados específicos (como um aumento de fortuna, estabilidade, fim de guerra entre territórios, entre muitos outros motivos). Para isso, portanto, não era necessário que um casal se amasse.

Havia, no entanto, uma característica entre o casal que era muito valorizada, mais do que qualquer sentimento: a *homophrosýnē* (“concordia”). Literalmente, a palavra significa “paridade de mentes”: com marido e mulher tendo ideias e mentes equiparadas, a verdadeira felicidade marital poderia ser atingida.

A *homophrosýnē* é uma das coisas que Odisseu deseja a Nausícaa, princesa feácia a quem ele pede ajuda em certo momento da *Odisseia*:

“Tem piedade, senhora; de ti, após padecer muito mal,
acheguei-me por primeiro; não conheço nenhum outro
homem dos que dispõem dessa cidade e terra.
Mostra a cidade e dê-me trapos para recobrir-me,
se trouxeste um saco de roupas ao vires para cá.
Que deuses te deem tudo que desejas em teu juízo,
marido e casa, e te presenteiem com *concordia*

distinta; de fato, nada é mais forte e melhor que isto,
quando, em *concordia* nas ideias, dominam a casa
marido e mulher: há muitas agonias a inimigos
e alegrias a amigos, e a reputação deles é máxima.”

(Od., VI, vv. 175-85)¹

Nesse trecho, Odisseu nos diz, então, que não há nada melhor entre marido e mulher do que ela: a concordia, a paridade de mentes. E não diz isso levemente, afinal, ele e sua esposa, Penélope, são o maior exemplo de *homophrosýnē* entre um casal que a literatura grega nos apresenta.

Mais do que amor, pensar igual

Mais importante do que uma emoção que pode ser passageira, ter uma forma de pensar semelhante a de seu parceiro era, na visão grega, a receita para um casamento perfeito — e, por isso mesmo, bastante raro. Listo a seguir alguns exemplos de casais com *homophrosýnē*:

Odisseu e Penélope

Favoritos da deusa Atena, ambos são conhecidos por seus estratagemas mentais que os auxiliam a alcançar seus objetivos. Odisseu é famoso por ter elaborado a estratégia do cavalo de Troia, entre outros feitos, enquanto o mais célebre ato de Penélope é o tecer e destecer da mortalha de Laertes, que por meses a mantém a salvo de seus insistentes pretendentes. Com um funcionamento mental tão parecido, não é de se espantar que Penélope tenha esperado firmemente seu marido por 20 anos e que Odisseu não tenha desistido da ideia de retornar à Ítaca apesar de todas as dificuldades enfrentadas no caminho.

¹Tradução de Christian Werner (Ed. Ubu).

Heitor e Andrômaca

Nenhum casal emociona mais na *Iliada* do que o príncipe troiano e sua esposa. Seu relacionamento é caracterizado por profundos respeito e compreensão mútuos, e eles compartilham uma harmonia emocional e espiritual, mesmo em meio aos desafios brutais da Guerra de Troia. Ambos estão muito cientes de seus papéis na guerra e também de seus destinos.

Orfeu e Eurídice

Unidos pelo amor mútuo à música, Orfeu, lendário poeta e músico, fica completamente devastado quando sua esposa, a ninfa Eurídice, morre. O sentimento basta para que ele desça ao reino de Hades e Perséfone e convença, através de sua música, o rei e a rainha dos mortos a permitir que conduza a alma de Eurídice de volta ao reino dos vivos. Infelizmente para Orfeu, ele falha com a condição imposta por Hades, e a alma de Eurídice fica perdida para ele para sempre.

Zeus e Hera

Eu sei o que você está pensando: *mas Zeus não é o marido mais infiel da história do Ocidente?* Sim, mas lembremos da categoria que estamos listando aqui: casais pareados em mente e espírito. Apesar do relacionamento turbulento entre o rei e a rainha do Olimpo, especialmente devido às infidelidades de Zeus, eles frequentemente trabalham juntos para o bem comum dos deuses e da humanidade. Hera, embora às vezes ciumenta e vingativa, é frequentemente representada como tendo uma conexão profunda com Zeus, particularmente em histórias em que eles colaboram para manter a ordem no cosmos. Assim como Zeus é um exemplo de rei, Hera é uma poderosa rainha e nenhum dos dois permite que qualquer dos outros deuses se esqueça disso.

Outros casais

Esses exemplos, no entanto, não cobrem todos os casais em que podemos

observar *homophrosýnē*, muito menos todos os casais da literatura e mitologia gregas antigas. Tenho certeza de que você se lembrou de muitos outros.

Um fenômeno interessante que vem ocorrendo na última década é o surgimento de diversas releituras de mitos, repensados em romances modernos, filmes, séries e até mesmo jogos. Em tais releituras, muito se modifica, trazendo essas personagens para mais perto das nossas sensibilidades contemporâneas e as desenvolvendo daquele jeitinho que nos lembra bem mais o amor romântico que esperamos ao abrir um livro de romance.

Desses, quero destacar dois:

Perséfone e Hades

Apesar de o mito nos trazer uma terrível narrativa de rapto e abuso, as releituras modernas repensam Perséfone como uma moça cansada de sua vida e desesperada atrás de uma mudança de ares que ela encontrará, justamente, no mundo dos mortos, ao lado de seu rei. O que mais encontramos hoje em dia são releituras do mito do rapto de Perséfone, mas não posso deixar de recomendar a história em quadrinho *Lore Olympus*, de Rachel Smythe — que para mim segue sendo a melhor releitura de Hades e Perséfone que existe.

Aquiles e Pátroclo

Tratar do assunto das relações homoeróticas na antiguidade grega é muito difícil. Continua valendo a ideia de que os gregos não entendiam amor como nós o fazemos hoje em dia, e as relações entre pessoas do mesmo sexo seguiam padrões ritualizados e institucionais que podiam ser bastante rígidos. A verdade é que não há consenso sobre como os próprios gregos teriam enxergado a relação entre Pátroclo e Aquiles, mas é inegável que, para nós, no século XXI, é muito difícil não vê-los pelas lentes do amor romântico. E foi essa história que Madeline Miller nos recontou com maestria em seu maravilhoso *A canção de Aquiles*.

A literatura grega e o gênero romance

Comecei esse texto afirmando que o amor romântico é uma invenção europeia medieval e posterior, que vai chegar em seu auge principalmente com a popularização do romance enquanto gênero literário, durante o Romantismo.

Mas aqui preciso abrir um parênteses e dizer que a primeira obra da literatura ocidental considerada um “romance” é grega!

De um período já bem tardio, já da época do Império Romano, em II d.e.c., chegou até nós uma obra chamada *Quéreas e Calírroe*, escrita por Cáriton de Afrodísias e que hoje é chamada pelos teóricos de um “romance” (enquanto gênero literário).²

Se a literatura grega antiga (de antes da era comum) não enfocava o relacionamento entre casais nem romantizava suas relações, *Quéreas e Calírroe* aparece para mudar tudo isso. Seus protagonistas, que dão nome ao livro, são um casal que precisa passar por um milhão de desventuras até enfim conseguir encontrar seu “felizes para sempre”. Inclusive, alguns dos elementos presentes no relacionamento dos dois lembra muito *Romeu e Julieta*, de Shakespeare.

Afinal, existe ou não amor na Grécia antiga?

Como sempre, quando tratamos de objetos subjetivos, como o é a literatura e todas as formas de arte, só há uma única resposta possível: depende dos olhos de quem lê.

²Para quem quiser ler a obra, temos a tradução para o português feita por Adriane Duarte (Ed. 34).

Boa Viagem

AUTORIA JHAN DAETWYLER

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO THAIS ROCHA



Jhan é professor e escritor nas horas vagas. Gosta de maratona séries, viajar e conhecer novos lugares e está sempre testando novas receitas na cozinha. Seu dia perfeito é poder ficar lendo no sofá, assistindo algo, do lado de sua namorada e de sua gatinha preta chamada Kitana.



O idoso observava as árvores negras e retorcidas se aproximando enquanto o barco cruzava o rio. Ele não sabia quanto tempo havia passado até se dar conta de onde realmente estava, mas, quando percebeu, ficou satisfeito que fizeram o correto com ele. Colocaram moedas sobre seus olhos no final de sua vida e ele agora tinha a permissão de partir. O barqueiro, chamado Caronte, permanecia em silêncio, apenas fazendo movimentos constantes com o remo. O capuz sobre a cabeça encobria seu semblante esquelético. Sem pressa, ele remava em um ritmo que parecia eternamente repetido ao longo das eras. Enquanto a embarcação deslizava lentamente, o idoso refletia sobre o destino que o aguardava no reino de Hades.

Estavam chegando ao círculo inferior de Asfódelos, o prado das sombras pálidas, para onde iam todos os seres humanos que não fizeram nada de notável em vida. Como não tinha sido um herói ou um homem de grande relevância, não poderia ficar nos Campos Elíseos, mas como também não foi uma pessoa ruim ou injusta, não fora condenado a passar a eternidade no Tártaro.

O passageiro coçou sua longa barba grisalha, ponderando sobre o destino que o aguardava. Pensou que ficar nos Asfódelos não seria uma sentença tão ruim. Ele morreu em avançada idade, mas em virtude de uma doença misteriosa, que muitos chamavam de Lete por causar o esquecimento involuntário, em seu último ano de vida perdera totalmente a memória sobre quem era. Nem parecia que ele realmente estava vivo. A passagem para o mundo de Hades foi como o despertar de um longo sono, já que, no mundo superior, sua mente havia se perdido há bastante tempo. No mundo dos mortos, sua memória não tinha voltado totalmente, mas pelo menos ele conservava sua consciência e sentia-se menos confuso. Até mesmo sorriu um pouco ao constatar que se sentia melhor enquanto morto do que quando estava vivo. Pensou como essa situação poderia lhe inspirar a compor uma canção interessante.

O barco atracou na margem e o idoso desceu, agradecendo ao barqueiro que não disse nada, somente assentiu com a cabeça cadavérica. O homem velho,

então, caminhou pelas areias cinzentas, entrando na estrada cercada por árvores secas. De vez em quando, encontrava outras almas vagando por ali como ele e que seguiam o caminho sem destino certo. Em certo momento, um grupo de crianças estranhamente animadas, cruzou seu caminho, gritando:

— A ninfa do carvalho está cozinhando! Vamos logo!

Esse comentário atraiu a atenção do idoso. Curioso com esse nome que não lhe era estranho, mas que não conseguia associar a nada, o homem resolveu seguir aquelas almas infantis. Caminhando de maneira reservada, acompanhava o melhor que podia os passos apressados. Não demorou muito e logo chegou a uma região um pouco mais verde, com algumas flores espalhadas, onde se encontrava uma linda jovem de pele morena e cabelos encaracolados, ocupada em frente a um forno a lenha. As crianças rapidamente rodearam a moça, ansiosas pelas guloseimas que ela tinha o costume de fazer.

— Vocês chegaram cedo, hein — a ninfa disse, distribuindo doces de ambrosia para elas. — Mal acabei de cozinhar.

As crianças agradeceram e começaram a comer vorazmente. Enquanto isso, o idoso se aproximou, fascinado com a beleza daquela mulher. Acanhado, ele permaneceu em silêncio, observando como a jovem manejava seus utensílios e fazia várias tarefas ao mesmo tempo.

— Gostaria de algo também, meu senhor? — ela perguntou quando o notou ali. — Tenho ainda um pouco de néctar refrescante.

— Eu agradeço muito — respondeu o homem grisalho. — Uma bebida cairia muito bem nesse momento.

— Você é um recém-chegado, não é? — perguntou a ninfa, passando o néctar para ele. — Nunca o vi por aqui antes. Meu nome é Eurídice. Como se chama, meu senhor?

Ele hesitou, olhando para o néctar enquanto tentava puxar da mente um nome que lhe parecia perdido no tempo. O nome era algo importante, era ele que dava identidade e propósito a todas as coisas vivas e não vivas. Mas a mente do homem idoso ainda permanecia perdida em meio ao labirinto das recordações.

— Eu... eu não me lembro — respondeu ele, olhando para a bebida. — Minha memória se esvaiu completamente enquanto eu era vivo e ainda não voltou totalmente.

— Mas que lástima! — exclamou ela, encarando-o com pena. — Beba um pouco, meu senhor, o néctar vai te trazer algum alento pelo menos.

Ele agradeceu novamente e bebeu. Enquanto apreciava o doce sabor, as crianças, que já tinham terminado de comer, pediram para Eurídice cantar. Ela relutou um pouco no início, dizendo que não estava com vontade naquele momento, mas como as crianças estavam insistentes, a ninfa, então, concordou com o pedido. Ao ouvirem a animação, outras almas foram surgindo para assistir. O idoso percebeu que aquilo parecia ser algo recorrente na região, como se o evento já fizesse parte da rotina dos mortos.

— Está bem, está bem, mas só uma música, hein — disse ela, pegando uma lira para tocar.

Ela se posicionou de maneira elegante, com o corpo ereto e encarando o instrumento. Seus dedos deslizaram pelas cordas, iniciando uma melodia. Eurídice, então, cantou uma música sobre o destino das pessoas comuns. Falou com uma voz dramática sobre como as Moiras tecem seus fios, costurando as vidas dos mortais. Disse de maneira doce que as pessoas nascem para uma vida que é quase delas e que conseguem sentir isso em seu íntimo, pois a força divina que nos impulsiona está impregnada no nosso sangue. Cantou melancolicamente sobre como os amores de cada um vivem para sempre e que o verdadeiro lar não é onde você mora, mas sim o lugar onde está alguém que se importa quando você vai embora. Terminou cantando como não importa o quanto seja difícil, esse alguém vai tentar te seguir até o além.

A canção emocionou a todos os presentes, acalmando os corações mais agitados e trazendo lágrimas aos que precisavam de conforto. O idoso sentiu uma forte vibração em seu interior que o deixava nostálgico por algo que ele não conseguia se lembrar, ao mesmo tempo o desesperava.

— Você é uma verdadeira musa — disse ele com os olhos marejados. —

Quando foi que você compôs essa música?

— Não muito tempo após minha morte — respondeu ela com um sorriso triste. — No início, voltar a cantar foi muito difícil, me fazia recordar do meu amado marido, que sempre tocava a lira para mim. No entanto, conforme o tempo passava, as recordações daquela época se tornaram um conforto, enquanto o presente é cada vez mais sombrio aqui.

— A eternidade aqui é tão terrível assim?

— Não me entenda mal, meu senhor. Os Asfódelos não são ruins, mas é um eterno marasmo — explicou Eurídice ainda com o sorriso melancólico. — As almas vêm e vão, passam por mim, contam suas histórias, algumas ficam, mas a maioria permanece vagando sem mais a emoção que tinham quando eram vivas. Isso me corrói por dentro, ver todas essas pessoas perdendo os sentimentos que tinham antigamente. É realmente esse o nosso destino?

— Você tem medo de ficar assim também?

— O medo é para os vivos. Os mortos só têm arrependimentos.

— E qual arrependimento a bela ninfa carrega, se me permite perguntar?

Eurídice desviou o rosto, olhando para baixo. Sua expressão, outrora iluminada, perdeu a cor viva enquanto seus pensamentos se lembravam de eventos passados. Com um sorriso melancólico, ela respondeu:

— Me arrependo muito das últimas palavras que disse ao meu amado. — Ela encarou novamente o idoso. — Eu o culpei por muitos anos, entende? Eu gritei que ele tinha me condenado a esse sofrimento eterno. Mas nada disso é culpa dele, eu já tinha morrido e ele só queria me trazer de volta. Hoje compreendo que o amor dele por mim o fez olhar para trás. O amor dele foi tanto minha perdição quanto a dele. Mas, naquela época, eu sentia somente frustração e raiva.

— Deve ter sido muito difícil — concordou ele, coçando sua longa barba. — Mas se ele te amou da mesma maneira que você o amava, ele com certeza deve ter entendido que aquele momento não expressava o que você verdadeiramente sentia.

— Espero que você esteja certo. — Eurídice se levantou, um pouco mais animada. — Queria dançar um pouco, mas para isso preciso de uma música que

não seja tão triste assim.

— Acho que posso ajudar nisso — disse o idoso. — Apesar de não ter muita memória sobre minha pessoa, ainda lembro muito bem de outras coisas, como as que aprendi em vida.

— Que esplêndido! — exclamou ela batendo palmas de emoção. — E o senhor sabe tocar a lira?

— Bem, só tem uma maneira de descobrir — disse ele, estendendo a mão enrugada.

Eurídice entregou o instrumento prontamente e, quando o segurou, o idoso sentiu uma vaga familiaridade com ele. Seus dedos tremiam um pouco e ele não entendia por que se sentia tão agitado naquele momento. Dedilhou algumas cordas e a sensação era como se tivesse de volta um membro que nem se recordava mais de ter perdido. Percebeu que estava sorrindo pela primeira vez desde que chegara ali. Seus dedos começaram a tocar uma melodia, como se já soubessem o que fazer por impulso. Com um sorriso radiante no rosto, começou a cantar.

Iniciou a rima sobre como era a hora de dizer adeus a todas as coisas terrenas e que agora não havia mais culpa e nem mais dívidas. Entoou com entusiasmo que agora era o momento de abandonar todos os planos que tinha feito e que não tinha mais contratos, agora era livre para fazer o que quisesse. Cantou alegremente que já não sentia mais fome, não corria mais perigo, estava finalmente a salvo, leve, calmo, aquecido e que ainda tinha a força para sonhar de novo. Vocalizou, eufórico, que todos os ladrões já se foram, que as pessoas ruins que o sufocavam não existiam mais. Todas vieram e se foram, deixando-o para trás. Terminou cantarolando de maneira serena que agora podia descansar os ombros exaustos, fazer uma boa viagem, deixando o peso do mundo para trás.

A canção afetava aos poucos Eurídice e os demais que estavam por perto. A ninfa dançava alegremente, sentindo que finalmente tinha encontrado alguma felicidade em sua condição de morta. Seus movimentos ritmados com a melodia da lira davam mais força ainda para a canção, inundando os Asfódelos de uma vivacidade que jamais fora sentida ali.

Ao mesmo tempo, enquanto o idoso cantava, a música ia despertando suas memórias emaranhadas nos cantos escuros de sua mente. Cada letra proferida trazia uma lembrança de sua vida passada. Lembrou de como fora apaixonado por uma jovem que o inspirava a tratar o mundo com mais delicadeza. De como perdera sua amada, envenenada por uma picada de serpente. De como, diante da dor inconsolável e do desespero que sentia, ele resolveu descer até os confins do mundo inferior para buscá-la. De como cantou aquela mesma música para Hades e sua esposa Perséfone e que, pela primeira vez em eras, diante dos deuses do mundo dos mortos, um homem mortal conseguiu emocionar os seres eternos. De como ele recebeu a permissão de levar sua amada de volta ao mundo dos vivos sob a condição de nunca olhar para trás durante o caminho. De como, angustiado, pensando ter sido enganado pelos deuses, olhou brevemente para ter certeza de que sua amada o seguia. De como viu o sorriso dela se desmanchar em terror enquanto era tragada de volta para aquele reino sem luz e de suas palavras afiadas que o feriram como nenhuma outra arma.

Enquanto lembrava de tudo isso, uma transformação profunda acontecia com a fisionomia daquele músico idoso. As rugas de seu rosto iam desaparecendo aos poucos. Sua longa barba encurtava até deixar sua face lisa aparente. Seus cabelos grisalhos voltaram a ter uma cor escura e brilhante. Sua coluna ficou mais ereta e o corpo deixava de ser flácido, adquirindo sua antiga forma. Ele sentia o vigor retornar na mesma proporção que sua consciência ia se restabelecendo.

— Orfeu! — gritou Eurídice, jogando-se em cima dele para abraçá-lo.

— Orfeu... esse é o meu nome — disse ele, envolvendo Eurídice em seus braços. — Eu me lembro agora.

— Eu não te reconheci antes — disse ela, segurando delicadamente o rosto dele com as duas mãos para encará-lo. — Quantos anos se passaram no mundo terreno?

— Foram muitos, e todos eles não valeram de nada porque foram vazios sem você, meu amor.

— Seu bobo — disse Eurídice, chorando de muita emoção e afundando o

rosto no pescoço dele. — Achei que você nunca mais ia querer me ver depois do que eu te disse. — Ela ergue a cabeça para encará-lo. — Você me perdoa por aquelas palavras odiosas?

— Eu te encontrei — disse Orfeu secando as lágrimas dela com a mão. — Eu sabia que te encontraria novamente porque durante todos esses anos meu amor por você nunca esmoreceu.

— Oh, meu doce Orfeu... — Eurídice o beijou intensamente, sentindo o mesmo calor de quando o beijara pela primeira vez.

Após um breve momento trocando carícias e se familiarizando novamente um com o outro, Orfeu dedilhou as cordas da lira mais uma vez, tocando outra melodia. Eurídice dançou animadamente de novo, com os cachos castanhos balançando e espalhando um doce aroma. Orfeu a admirava enquanto continuava a tocar.

— Eu sonhava que, pelo menos, você poderia aproveitar o mundo. Era o que me consolava — Eurídice confessou. — Você conseguiu encontrar alguma felicidade enquanto vivia, meu querido?

— Não havia mais canções em meu coração, apenas a melancolia de sua ausência. Não há vida para mim sem você, Eurídice.

— Eu temi que nunca mais te veria. — Ela o olhou profundamente nos olhos e uma lágrima solitária rolou por sua bochecha. — Mas agora você está aqui... Mesmo que seja nesse lugar escuro.

Enquanto os dois amantes estavam juntos, o mundo ao redor parecia se dissolver. No entanto, essa reunião breve e delicada não passou despercebida. Logo, as sombras se agitaram, à frente deles surgiram, Hades, o senhor do Submundo, em um longo manto vermelho vivo que contrastava com sua barba negra volumosa, encarando-os com uma expressão indecifrável, ao lado de sua rainha, Perséfone, vestida em dourado com adornos pretos imponentes, o cabelo castanho preso em uma trança comprida. Ela apresentava um olhar afiado e encarava todos com perceptível curiosidade.

— Orfeu, filho de Egeu e Calíope, enfim está novamente em meu domínio — Hades falou, sua voz soando como o rolar distante de trovões.

Orfeu e Eurídice rapidamente fizeram uma reverência para os senhores do Submundo. A presença deles ali era inquietante e misteriosa, deixando todos apreensivos. Os dois se perguntavam o motivo daquela aparição.

— Você já provou seu valor como músico, Orfeu — disse Hades o encarando de maneira austera. — Sua lira é capaz de amolecer os corações mais duros, até mesmo o meu. É por isso que lhe ofereço uma proposta.

Orfeu e Eurídice sentiram os pelos se arrepiarem, aguardando as próximas palavras do deus.

Hades continuou:

— Minha corte precisa de um músico que possa trazer um pouco de beleza a este lugar sombrio. Um músico que possa acalmar as almas perdidas e dar um toque de luz a meu reino. O que acha, poeta, de utilizar seu talento no meu palácio?

Após um longo silêncio, Orfeu falou:

— Senhor Hades, estou disposto a aceitar sua oferta. Mas peço que Eurídice possa me acompanhar em minhas apresentações. Ela é a musa que inspira minhas melodias e, sem ela, minha música não terá a mesma alma. Prometo que, juntos, traremos a beleza que seu reino tanto precisa.

Hades o observou com uma expressão indecifrável.

— Você é ousado, Orfeu. Pedir que Eurídice, uma alma destinada ao Submundo, esteja presente em um estabelecimento tão elevado para uma simples mortal. — Ele esboça um ligeiro sorriso. — Mas reconheço a sinceridade em suas palavras e a devoção que você tem por ela.

— Meu querido, permita que eles estejam juntos. — Perséfone, que sempre teve uma ligação especial com o amor e a beleza, colocou uma mão sobre a de Hades. — Já que sua música será ouvida aqui, que ela seja completa. Deixe que Eurídice o acompanhe. Tenho certeza de que isso tornará nossa corte ainda mais grandiosa.

Hades ponderou as palavras de sua esposa e, finalmente, acenou com a cabeça.

— Muito bem, Orfeu. Aceito sua condição. Eurídice poderá te acompanhar

em suas apresentações. No entanto, lembre-se que, enquanto você tocar para mim, ela permanecerá a seu lado. Se algum dia você parar, ela será novamente uma alma comum do Submundo.

— Muito obrigado, senhor Hades. — Orfeu sentiu uma onda de alívio e gratidão. — Prometo que minha música nunca deixará de ressoar pelas paredes de seu recinto.

Assim, Orfeu começou sua nova vida como músico oficial da corte do palácio de Hades. Cada dia, ele tocava sua lira, e sua música trazia um novo sopro de vida ao submundo. As almas encontravam paz em suas melodias, e até as Fúrias, que antes eram implacáveis, tornaram-se mais suaves ao ouvir as canções que Orfeu compunha com o amor de Eurídice em mente.

Eurídice, por sua vez, estava sempre a seu lado, inspirando suas músicas e participando de suas apresentações. Juntos, transformaram a escuridão do Submundo em um lugar de beleza inesperada. Até Hades, conhecido por sua frieza e rigor, começou a perceber que o reino dos mortos havia se tornado um pouco mais suportável com as melodias de Orfeu ecoando por suas vastas câmaras.

Orfeu e Eurídice pareciam ter finalmente encontrado uma paz e contentamento inesperados. Estando juntos, até mesmo a morte se tornava aprazível.

— Tantos anos perdidos — comentou ela depois de uma apresentação. — Mas agora temos a eternidade juntos.

— Não pudemos ser felizes em vida — disse Orfeu, acariciando sua mão e beijando-a. — Mas podemos ser finalmente felizes na morte.

Tocando mais uma vez a lira, Orfeu e Eurídice cantaram uma canção juntos dessa vez. E suas vozes preencheram o mundo inferior com afeto, levando alegria a quem pudesse ouvi-las:

Quem pode dizer onde a nossa viagem termina?

Se por acaso eu te perdesse no meio do caminho

Eu com certeza perderia a mim mesmo também

E para onde iriam os dias sem você comigo?

Apenas o tempo pode dizer

Apenas o tempo



Prova de Amor

AUTORIA CAROL SAIKI

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO THAIS ROCHA



Carolina é quase uma jornalista de 24 anos que passou a adolescência obcecada por Percy Jackson e os mitos grego-romanos, por causa disso sua mente é povoada de criaturas míticas, heróis e grandes aventuras.

Já escreveu alguns contos para edições anteriores da Maçã do Amor, publicou o livro *Lendas do Mar* disponível no Google Livros e mantém um Medium com mais histórias.

Agora sonha em continuar espalhando a magia da escrita por aí.



— É ruim quando eles tomam decisões por nós — fala Perséfone enquanto me conduz pelos corredores do palácio. — Mas acho que você ia gostar disso. Quer dizer, vocês mortais vivem fugindo da morte, não deve ser uma experiência muito querida.

Achei que estava encrencada quando me tiraram do Campos Elísios para a casa de Hades. O susto foi ainda maior quando a própria rainha estava esperando para me guiar até a sala do trono, mas rapidamente ela me acalmou, falou que meu marido estava aqui e me levaria de volta para o mundo dos vivos. Seria a primeira mortal a voltar da morte.

Se eu estava feliz? Não sabia dizer. Estava emocionada de ver Orfeu de novo, já tinha determinado que iria esperá-lo o tempo que fosse, mas voltar à vida é algo que eu jamais imaginei que pudesse acontecer e nem tenho certeza do que sinto sobre isso.

Meus pés descalços batem no chão do castelo e acho curioso como ele é quente. Perséfone continua falando, bastante empolgada, sobre a música que Orfeu tocou e como foi fácil convencer o marido a permitir que esse encontro acontecesse novamente. Em tom de segredo, ela diz que até viu Hades limpar uma lágrima discretamente.

— Quando voltar, vai poder fazer o casamento novamente — continua a falar sem nem ao menos olhar para trás. — Eu sei que já tinham feito os votos, mas não vai querer ter esse dia marcado pela mordida da cobra. Lembrem-se de convidar meu marido, não querem lidar com o ressentimento quando o virem de novo.

A cobra. Foi tão rápido, que em um momento eu estava nos braços de Orfeu, comemorando nosso casamento, e no outro senti uma dor em meu tornozelo a ponto de desmaiar. Quando acordei, estava na frente do deus do Submundo, sendo julgada.

Chorei escondido por semanas nos Campos Elísios, com medo de incomo-

dar a paz perfeita que todos os outros viviam, mas eventualmente me acalmei. A morte era o destino final de qualquer um e eu tinha tido uma boa vida, agora era esperar até ter meu amado comigo de novo.

Tinha começado a gostar da minha rotina com as demais almas e passava a maior parte do tempo à beira de lagos tentando compor alguma música, Orfeu sempre fez isso parecer muito fácil e, apesar de minhas fracas tentativas, sentia que estava chegando a algum lugar. O que faria quando estivesse viva de novo?

— Por que está tão quieta? — diz Perséfone olhando para mim pela primeira vez desde que me encontrou na porta.

— Se a rainha não se importa, gostaria de saber uma coisa... — digo e vejo-a me encarando, esperando a pergunta. — Como é voltar para o mundo mortal depois de ficar seis meses aqui?

Ela se surpreende e hesita antes de falar:

— Na primeira vez, devo admitir que fiquei assustada, hoje nem penso tanto nisso.

— Será que serei capaz de me acostumar com a vida de novo?

— É isso que te preocupa? — pergunta e vem andar do meu lado; concordo com a cabeça. — Preciso alertá-la que voltar ao mundo dos vivos pode ser desnor-teante a princípio, lá as coisas são agitadas e barulhentas, está tudo mudando o tempo todo, mas, com o tempo, você volta ao ritmo.

Quero acreditar no que ela diz, mas algo em mim me alerta que os mortos ficam mortos por um motivo.

Chegamos às portas da sala do trono, a rainha não precisa ser anunciada, apenas entra e caminha até seu marido, dando um beijo no rosto dele. Tenho medo de olhar para ele, vou o mais perto que preciso ir e faço uma reverência, esperando Hades falar alguma coisa. Orfeu não está aqui.

— Eurídice. — A voz dele é tão profunda como lembrava do julgamento. — Devo admitir que é muito amada. Nenhum mortal jamais teve a audácia de entrar em meu reino e pedir para uma alma voltar à vida, mas seu marido fez essa grande prova de amor. Porém, ele ainda terá que realizar uma tarefa, andará até o mundo

mortal sem olhar para trás, confiando que você o seguirá.

Resisto à vontade de perguntar: “Só isso?”, e olho para Perséfone que sorri de modo encorajador.

— Agradeço pela oportunidade, senhor — respondo fazendo uma medida e arranjando coragem para olhar em sua direção.

Ele parece velho. Não que pareça um ancião, mas tem o assustador rosto de um homem comum, um homem sério, mas nada mais do que isso. Ele parece ter visto muita coisa e está cansado disso. Isso ficava ainda mais evidente ao lado da esposa, sendo a mulher mais bonita que já vi e com o rosto mais inocente de todos também.

Hades estreita os olhos e olha para Perséfone como quem busca respostas, ela discretamente dá de ombros. Foi rápido, mas eles têm uma conversa silenciosa na minha frente.

— Saiba que estou entregando isso como um presente a seu marido — continua ele ainda mais sério, e temo tê-lo ofendido. — Você não é obrigada a aceitar.

Meu coração quase vai à boca. Óbvio que iria aceitar, Orfeu tinha vindo até aqui só para me ver viva e ter uma vida completa juntos. Não queria que meus receios estivessem tão claros e nem que isso jogasse fora o esforço de meu amado.

— Nunca recusaria essa oportunidade, senhor — respondo tentando parecer mais firme do que fui de fato.

— Não disse que você recusaria, disse que poderia.

Que ingrata deveria parecer para aqueles dois. Hades continua olhando para mim pensativo. Perséfone toca no ombro dele e olha para mim com mais compaixão. Depois do que parece ser uma eternidade, ele respira fundo e faz a última coisa que esperava ver dele: sorri.

— Eu nunca fiz isso também, não tenho ideia do que quebrar as regras pode causar ao mundo e a você — fala em um tom surpreendente gentil. — Entendo seu medo e avisei a Orfeu que, talvez, o resultado dessa sua jornada não fosse tão positivo assim, mas ele disse que estar com você valia o risco. Não irei te julgar caso não ache o mesmo.

— O que faria se estivesse no meu lugar? — pergunto.

Ele ri. A ideia deveria soar tão estúpida para ele, afinal, todos os dias recebia almas mortas para serem cuidadas, jamais seria uma delas. Contudo, percebo que em meio ao riso existe um pensamento cruzando sua mente, então, ele coloca a mão sobre a da esposa e olha para ela enquanto me responde:

— Já prometi que iria até onde fosse necessário por ela. — Vejo os dois sorrirem um para o outro e ele completa: — Mas, se você fosse a minha esposa, iria querer que fizesse seu desejo. Aprendi a respeitar o espaço da minha rainha.

— Com muito custo — diz ela rindo. — Mas já te disse que pago qualquer preço por você.

Devia ser tão fácil falar essas coisas sabendo que jamais poderiam acontecer com você, porém ainda tinha sanidade o suficiente para não dizer isso em voz alta. Não sabia se estava disposta a pagar o preço de voltar à vida, mas queria correr esse risco para ter Orfeu de volta. Então, dou o melhor sorriso que tenho e falo:

— Posso vê-lo agora?

O casal parece alegre e vejo algumas ninfas entrando na sala do trono para me guiar até o lado de fora. Perséfone me dá uma última palavra de incentivo e agradeço aos dois com uma mesura antes de sair da sala do trono. Agora, cabia a Orfeu não olhar para trás.

Assim que saímos pela porta do palácio, vejo uma parte do Mundo Inferior que não conhecia, um enorme gramado sendo balançado por uma brisa suave, era possível ver pessoas vagando por ali. Os Campos de Asfódelos eram o local para onde achei que iria depois de morrer, ao invés do Elísio, fico grata, porém, de ter errado nisso.

As ninfas continuam andando e passam ao lado de um homem, que mesmo de costas consigo reconhecer. Elas sorriem para ele e depois para mim, dizem que podemos iniciar nossa jornada de volta para casa. Meus olhos se enchem de lágrimas ao ver o cabelo encaracolado de Orfeu, sua mão agarrada à lira e os dedos calejados de tanto tocar. Penso em correr para abraçá-lo, mas me contenho. Ele não pode olhar para trás.

Orfeu agradece às ninfas, respira fundo e começa a andar. Vejo como seus

ombros estão tensos, como seus dedos estão brancos enquanto apertam a lira e como seus passos são rápidos. Preciso me apressar para segui-lo.

Caminho pela pradaria e tento ficar próxima o suficiente para continuar vendo mais detalhes do meu amor. É assustadora a quantidade de coisas que havia esquecido e, ao lembrar, meu peito doía de saudades, queria estender meus dedos para tocar no ponto onde o lóbulo da orelha dele era solto, beijar a pequena cicatriz que ele tinha na mão esquerda e tocar naquela pinta que ele exibia na nuca, mas não o faço com medo que isso o distraia.

Limpo as lágrimas que escorrem de meu rosto e acho que ele é capaz de escutar meu choro, pois diminui os passos e diz com gentileza:

— Desculpa, só... — A voz dele falha. — Só quero te ver rápido.

Como poderia ter hesitado em tê-lo para mim de novo? Orfeu era meu paraíso, a melhor coisa que tinha me acontecido e só aquela voz era capaz de afastar todo e qualquer medo de mim.

— Tudo bem... — digo sem conter mais o choro. — Pode tocar algo?

Ele ri e somente isso era capaz de me dar vida de novo. Então, os dedos de meu amado transformam as cordas do instrumento em cores, sentimentos e cheiros. Qualquer homem pode tocar uma música, porém só Orfeu é capaz de fazer isso.

Seguimos pelo caminho de Asfódelos com ele tocando a mesma música do dia que nos conhecemos, aquela que me fez perceber que jamais seria capaz de viver sem ele. Só assim para conseguir seguir o caminho sem notar as demais pessoas que vivem vagando sem rumo por ali.

Quando meus pés tocam um novo pedaço do Mundo Inferior, sinto uma dor insuportável no peito. Incapaz de conter o gemido nascido da fisgada que surgiu, seguro a roupa e sinto minhas pernas cederem.

— Minha amada? — ele me chama preocupado, ainda olhando para frente.

— Só um momento. — Minha voz está tão falha pela dor que temo que isso tenha só dificultado as coisas para ele. — Estou bem.

— Desculpa — fala com um tom choroso.

— Pelo quê, meu amor? — pergunto sentindo a dor dar lugar a batidas ver-

dadeiras do meu coração.

— Isso deve ser o preço do qual Hades me avisou.

Concordo levemente e falo algo para incentivá-lo, mas não sei o quanto fui convincente. Assim que me sinto forte o suficiente, aviso que podemos continuar. Caminhamos como antes, mas percebo que minhas pernas estão mais pesadas, meus pensamentos mais confusos, as batidas do meu coração me incomodam, assim como a necessidade de respirar constantemente. Meu corpo esqueceu o que era vida.

Distraio-me com essas antigas sensações, então só percebo Cérbero quando escuto seu latido, tão insuportavelmente alto que me desorienta, talvez fossem minhas orelhas voltando a funcionar também. No impulso de ter algum conforto, estendo a mão para segurar a de Orfeu, que se agarra em mim de tal forma que percebo como ele queria fazer isso antes.

— Minha vida — diz ele me puxando para mais perto. — Está tão gelada.

Quero falar que ele está quente, mas provavelmente é o contrário mesmo.

O grande animal continua rosnando e olhando para todos os lados com aquelas três cabeças, para observar as almas que caminham lentamente, indo cada uma para uma longa fila até o julgamento. Algumas estão plenamente acordadas, mas outras parecem adormecidas, dispersas ou confusas; isso explica como só tenho lembranças do Mundo Inferior do momento de meu julgamento em diante.

Cérbero nos ignora, e seguimos o fluxo contrário da grande quantidade de almas que saíam de um pequeno barco onde o canoeiro nos espera. É um velho de aparência esquelética e capa tão gasta que me fez ter vontade de voltar até senhor do Submundo e pedir que lhe desse roupas descendentes para trabalhar. Apesar de não lembrar da jornada que fiz com ele, sei que apenas Caronte é responsável por fazer esse trajeto com os falecidos.

— Temos como pagá-lo? — pergunto preocupada.

— Acha que cheguei aqui sem preparo algum, minha amada? — Orfeu brinca. — Não se preocupe com nada além de voltar à vida.

Chegamos à beira do Estige e olho para as águas prateadas, penso na quantidade de juramentos que foram feitos sobre ele e que eu seria a única pessoa que

atravessaria em busca do meu julgamento duas vezes. Caronte não diz nada, apenas estende a mão à espera das moedas que Orfeu tira de uma bolsa amarrada em seu cinto. Duas, a passagem dele e a minha.

Orfeu sobe no barco e começa a virar o corpo para me ajudar a entrar, mas, antes que eu grite para não fazer isso, ele se detém e vira de uma vez para frente. Seus ombros tremem e percebo que ele prende a respiração. De uma vez, senta no barco e segura a lira com mais força.

Caronte faz a gentileza de me colocar dentro do barco com sua mão velha e ossuda. Sento atrás de meu marido e penso como quase perdemos tudo mais uma vez.

Não encontramos palavras para dizer quando o barco começa a navegar e o barulho da água preenche o vazio entre nós dois. Isso é bom, porque preciso fechar meus olhos para me concentrar no fogo que começou a correr por minhas veias, dos pequenos espasmos que tinha dentro da cabeça e das dores que sentia quando movimentava o corpo. Percebi, nesse momento, que essas sensações não estavam passando, estava apenas me acostumando com elas.

Meus olhos enchem-se de lágrimas. Será que esse era o preço de estar com Orfeu? Dor constante? Não sei dizer se estou sentido isso por voltar à vida ou se também sentia isso tudo quando estava viva, mas não tinha percebido porque nunca tive um corpo sem essas sensações antes. Sinceramente, acho que a resposta não importa, preciso que isso pare.

O barco para e vemos a grande quantidade de almas que o espera. Desce-mos antes de a primeira delas subir com a permissão de Caronte. Elas estendem as mãos com suas moedas, implorando para terem sua vez. A pior parte é as pessoas sem nada, lamentando não terem como chegar em seus destinos finais.

— Trouxe mais moedas? — pergunto a Orfeu vendo uma senhora encolhida e sem esperança de entrar no barco.

— Não, minha vida, e me arrependo por isso — ele diz, continuando a caminhada. — Se soubesse que era assim...

Passamos a subir uma pequena estrada de pedras. Ela é estreita e sinto a

necessidade de me segurar nas paredes, porém, a dificuldade não está na altura que subíamos, muito menos na péssima iluminação para ver o chão acidentado, mas porque meus olhos estão cheios de lágrimas.

Tento não deixar que isso transpareça a Orfeu, mas não consigo mais conter os pequenos protestos de dor que vêm até minha boca, o som ofegante de minha respiração, nem continuar me movendo na agilidade de antes.

Chegamos em um pequeno jardim e logo à frente sou capaz de ver a saída, mas minhas pernas cedem, meu estômago se revira e cada membro de meu corpo treme. Orfeu também para e pergunta se estou bem, respondo sem força na voz:

— É apenas dor, meu amor. Quando sair daqui irá passar.

— Consegue se levantar? — pergunta Orfeu, não muito convencido pelo que disse.

— Preciso de um tempo — aviso e tento controlar meu corpo.

Na primeira tentativa de ficar em pé, grito e volto ao chão. Penso em fazer o esforço mais uma vez, mas tenho medo disso assustar Orfeu. Ensaio terminar o caminho engatinhando, mas isso dói também. Preciso achar um plano rápido.

Ainda não acredito que há pouco tempo estava em dúvida se queria ou não passar por isso para, agora, estar lutando independentemente do quanto doía. Foi ver Orfeu que me fez mudar de ideia; tinha me esquecido de como a presença dele era o suficiente para fazer o mundo ficar certo. Poderia viver uma vida de sofrimento se o tivesse ao meu lado. Bastaria. Basta. Tem que bastar.

Então, a dor passa. De uma vez. Inexplicavelmente. Sorrio diante da maldição superada magicamente e levanto o rosto para ver a única coisa que queria ver, mas a última que deveria: o rosto de Orfeu.

Ele parecia horrorizado e maravilhado ao mesmo tempo. Seus braços se estendem na minha direção e eu encontro energia para levantar e correr até eles.

— O que você fez? — pergunto no pescoço dele chorando.

— Não podia te fazer sofrer assim — responde beijando meus cabelos várias vezes. — Tê-la ao meu lado me faria o homem mais feliz do mundo, mas como poderia fazer isso se estivesse sofrendo?

Agarro-me a ele com todas as forças que tinha, sabendo que em breve serei tirada dali. Não é justo.

— A gente podia fazer isso... — sussurro.

Orfeu se afasta para ver meu rosto e sorri entre as lágrimas.

— Te ver uma última vez é muito mais do que poderia pedir, meu amor. — A voz dele falha, mas consegue acrescentar: — E saber que você está bem vale mais do que uma vida toda a seu lado.

Quero protestar, mas escuto uma voz feminina me chamando. Olho para trás sem soltar de Orfeu para ver Perséfone:

— Você precisa voltar.

— Por favor... — imploro com meu rosto todo molhado. — Me dê uns minutos.

Vejo a rainha hesitar, mas concorda levemente com a cabeça. Viro para Orfeu, sabendo que não temos muito tempo, seguro seu rosto com as minhas duas mãos e falo o mais séria que consigo enquanto choro.

— É para você viver! Ouviu?

— Não posso fazer isso sem você — ele diz tocando a testa dele na minha. — Não dá!

— Tem que dar! — insisto enquanto tento não deixar minha voz sumir entre as lágrimas. — Quero que você continue compondo músicas, passeando pelos jardins e termine de construir nossa casa.

— Minha vida... — fala, mas eu o interrompo.

— E quando nos encontrarmos de novo, você vai me contar quais foram as flores que plantou no nosso jardim, quais foram os lugares mais lindos que viu e tocará cada música que não pude ouvir — falo e não resisto a sorrir. — Eu te proíbo de me encontrar antes disso tudo. Você precisa fazer isso por mim!

Ele hesita, vejo que engole em seco várias vezes, mas concorda com a cabeça. Agradeço de forma incontável, escondendo o rosto de novo em seus ombros.

— E quando se lembrar de mim... — digo em um sussurro sem força. — Quando sentir muitas saudades, quero que se lembre que estou te esperando, mas não tenho pressa. Prefiro esperar cem anos para tê-lo nos braços de novo do que te

ver amanhã, você tem muita coisa para fazer na minha ausência.

— Agora temos que ir — diz Perséfone chorando e puxando meu ombro.

Resisto um pouco e consigo dar um leve beijo em seu rosto, antes da rainha do Mundo Inferior me puxar para longe do meu amor e me levar por todo o caminho de volta. Apesar de conseguir andar, a dor que sinto é bem pior do que a anterior.

O choro de Orfeu me acompanha até Caronte e não consigo tirá-lo da cabeça quando estou em frente a Hades de novo.

— Preciso admitir — diz ele com a voz rouca. — Vocês, mortais, são surpreendentes. Por um momento, achei que você viveria uma existência de dor para ficarem juntos.

— O encontrarei no Elísio? — pergunto chorando e com medo da resposta.

— Ele veio até aqui por você, desistiu de sua missão pelo seu bem-estar e agora viverá por esse amor — responde ele, sorrindo. — Acho que são feitos de um herói digno.

— Em breve, então? — digo querendo confirmar aquilo que ele estava me dizendo.

— Em breve, Eurídice — responde.

Muitos dias se passam desde a última vez que o vi, não choro como antes, nem sinto o peito doer, mas ainda o espero nos portões do Elísio todos os dias no horário que as novas almas entram, na certeza de que o verei novamente.

Ainda não sei o que farei. Se correrei até sua direção ou o deixarei me procurando um pouco, se beijarei seus lábios ou os calos de suas mãos primeiro, se sentirei seu cheiro ou a textura de seus cabelos em meus dedos, mas sei que a cada dia que não o vejo, sou consolada pela certeza de que ele está compondo músicas, cuidando da nossa casa, vivendo a vida que não pude. De todas as provas de amor que poderia pedir, até mesmo ele vir ao mundo dos mortos para me buscar, essa é a maior de todas.

Ao Meu Eterno Amado

AUTORIA NATALIA PRETTO ZOLONOFF LEITE

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Natalia é gaúcha, formada em administração, que sempre se encontrou no mundo dos livros e das artes em geral. Seu tempo livre de qualidade é composto em testar receitas novas, praticar aquarela, colocar as leituras em dia e escrever em sua agenda pessoal diariamente. Adora estar com aqueles que ama, além de viajar e realizar coisas pela primeira vez. Inclusive, para ela, nunca é tarde para se dedicar a fazer algo novo. Um forte exemplo disso é ela ter aprendido a andar de bicicleta nos seus 23 anos.



Ao meu eterno amado,

Dedico palavras singelas do meu coração, que transborda de saudades.

A noite estaria ainda mais formosa com tua presença aqui ao meu lado. A cada momento que passa, eu sonho acordada com o teu retorno. Pego-me imaginando se será agora, daqui alguns dias ou anos. Não importa. Sempre estarei à tua espera.

Enganam-se aqueles cuja intenção é cortejar-me a fim de obter a minha mão. Estão iludidos com a ideia de que acredito nas falácias propagadas pela cidade. Eu sei que é mentira. Eu sei que o meu marido vive e não tardará para que volte a mim.

Meu amor, ousou dizer que vossa esposa não se resume somente em beleza externa, mas também em força e coragem.

Estou determinada a honrar o nosso casamento, que vive e pulsa cada dia mais forte e poderoso, ao contrário do palpito do povo.

Elaborei um plano para acalmar os ânimos dos mancebos desesperados:

Até que eu termine meu trabalho artesanal, não irei casar-me novamente.

No silêncio da noite, pego os tecidos formados e os desfaço, primeiro em retalhos, depois separo-os, fio por fio, até o sol nascer, para então começar novamente a criação de algo destinado a nunca ficar pronto, pelo menos até que retornes.

Alguns já estão começando a suspeitar da morosidade da minha costura. Sinto que em breve perderão a paciência. Mas não temerei a sagacidade dos homens.

Minha resiliência permanecerá, como os astros que cobrem nossas cabeças nesse esplendoroso céu!

Meu amor, rezo aos deuses que essa carta chegue até ti o quanto antes, para que meus escritos sirvam de fortaleza nessa guerra angustiante que não tem previsão de fim.

Que minhas palavras sejam como um refúgio dessa realidade cruel que

vos cerca.

Por um breve momento gostaria de recordar um lugar que apenas nós dois conhecemos. O lugar onde nos vimos pela primeira vez e fomos arrebatados pelo afeto incondicional um pelo outro.

Éramos nós dois em um campo cheio de possibilidades. Observava a sua maestria ao manusear como ninguém o arco e a flecha, acertando alvos com tamanha destreza que jamais havia visto em outro cavalheiro. Me cativava o olhar fixo no que queria, com uma presença marcante, braços fortes e voz grave, que foi capaz de me calar e apenas me fazer querer ficar ali, admirando cada detalhe daquele homem que iria tomar-me como esposa. E a quem meu coração seria tomado de modo avassalador, trazendo-me o propósito de honrar o nosso amor até os confins da Terra.

Sabe, a humanidade sempre teve preferência pelas histórias trágicas, e me pego imaginando se, no futuro, os livros de história contarão as aventuras que tivemos antes da chegada da guerra. Eu desejo de coração que sejamos lembrados pelo nosso romance e não apenas pelo que irá acontecer conosco no futuro. Eu sei que às vezes pareço sem esperança. Não quero transparecer isso. Mas não adianta, meu amor, não posso negar a quem me conheceu até à alma, que minha esperança tem sido abalada em alguns momentos por medo de que não retorne para casa.

É horripilante a ideia de casar-me com alguém, sendo que meu verdadeiro amor está vagando em algum lugar neste mundo. Eu declaro aos deuses e ao universo todos os dias que quero apenas a ti ao meu lado.

Se minhas futuras táticas para desviar a atenção de um matrimônio infelizmente não forem mais efetivas, estou disposta a fugir desse lugar.

Não há nada que eu não seja capaz de fazer para honrar o nosso amor.

Amado esposo, com esse comunicado confidente, quero que saiba que, caso volte ao nosso reino e não venha me encontrar por aqui, prontamente se direcione para aquele mesmo campo onde nos vimos pela primeira vez.

Lá, ao extremo norte, aos pés das montanhas, existe uma cabana, escondida por entre as árvores. É naquele lugar que irá me encontrar, caso a minha única alternativa seja fugir do nosso reino.

Meu amor, imploro que não me faça esperar por muito mais tempo. Se soubesse o quanto dói não estarmos próximos. Admito que considerarei a ideia de me entregar ao Reino dos Mortos por livre e espontânea vontade. Eu sei que é horrível. Eu também achei. Não demorou para que a lucidez retornasse. Devo graças à Atena.

A esperança é um estimulante poderoso, capaz de erguer nossas cabeças mesmo nos tempos mais difíceis.

E a minha esperança está no nosso reencontro. Em poder ouvi-lo contar tuas aventuras na vastidão do mundo, pelo menos mais uma vez, enquanto me envolve nos teus braços.

Minha esperança também é que vivamos dias ainda melhores.

Mas até esse dia chegar, nos abracemos através das palavras, com memórias doces do nosso passado. É assim que tenho suportado meus dias. Talvez seja uma maneira que possa ajudá-lo a deixar o teu coração mais leve também.

Não posso me prolongar. Os primeiros raios de sol estão começando a aparecer e eu preciso voltar a costurar. Despeço-me rezando que esta carta chegue em tuas mãos o mais rápido possível, recordando que eu o amo hoje e sempre.

Que seu retorno não tarde para se tornar realidade, meu amado guerreiro Ulisses.

Apaixonadamente,
sua esposa, Penélope.



Memórias

AUTORIA ELAIZA KÓS

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO CAMILA PAIXÃO



Elaiza sempre teve a mente povoada por criaturas fantásticas, mundos alternativos e romances atribulados. Em meio a reis, deuses, magia, algumas xícaras de café e preenchimento de diários de classe, trabalha para que as histórias de amor e aventuras que ela imaginava quase como uma brincadeira deixem o universo das ideias e ganhem vida nas páginas.



A luz do sol atravessa, tímida, as copas das árvores e a cortina se abre. Já faz algum tempo que deixei de sair durante o dia. Procuro me limitar ao trabalho de, ao cair da noite, conduzir deuses e mortais à Terra do Sono, meu universo particular. Porém, às vezes, desvio meu caminho de volta a Lemnos e venho à Arcádia apenas para estar novamente neste bosque. A vegetação sussurrante, veados de chifres dourados e pequenas fadas de asas resplandecentes evocam a magia desse lugar. Mas, não é por seres encantados que arrisco tanto pisar nos domínios da Deusa da Caça; é pelas lembranças. Não raro, as lembranças são o mais próximo dela que consigo chegar agora. Foi aqui que provei o gosto de seus lábios pela primeira vez. E, pelos céus, pensei que ela me mataria naquele dia!

A despeito de nossas diferenças, as afinidades uniram de modo quase orgânico Ártemis, Apolo, Thanatos e eu. Embora haja algo de verdade nas histórias que contam sobre nós, a maior parte não passa de mito, afinal, foi o que criaram a nosso respeito: uma mitologia. A capacidade de imaginação dos humanos chega a ser cômica. Principalmente em relação à Ártemis; mortais não sabem nada sobre ela.

Quantas aventuras compartilhamos! E sou categórico ao afirmar que não pretendia sentir mais que afeto por uma deusa geniosa que, sem aviso, poderia me alvejar com uma flecha. Entretanto, conheci sua outra face, aquela oculta pela língua afiada e presença que intimida: uma mulher de sorriso encantador e coração solitário, tão parecido com o meu; foi arrebatador. A paixão veio sem eu perceber. Com o passar do tempo e da convivência, irremediavelmente, comecei a amá-la.

Contudo, Ártemis sempre foi avessa a laços ou amarras. Quando pensei que estaríamos fadados a uma relação mundana, percebi que havia mais que desejo nos beijos que clamavam até a última gota de fôlego; mais que volúpia no corpo que se movia junto ao meu; algo a mais nos olhos amendoados que me fitavam de um jeito maroto, capazes de enxergar além da compreensão. Algo tão sublime que me

deixava leve como uma folha soprada pelo vento e tão intenso que me faria capaz de entrar em uma guerra.

Nossa noite mais memorável começou entre essas árvores inquietas. Através de uma brecha no “espaço-tempo”, o bosque deu lugar à cama em Lemnos. O mundo parou por um momento enquanto a tive em meus braços; o cheiro de sua pele, sua respiração quente, sua castidade entregue em meio à paixão ficaram gravadas em mim.

Eu sentia seu coração retornar ao ritmo e meus dedos percorriam a linha da sua coluna em uma carícia lenta.

— Você não vai me matar não, vai? — Olhei-a com um sorriso.

— Depende. — Ela se apoiou nos cotovelos. — Nós vamos fazer outra vez?

— Quantas vezes você quiser. — Acariciei sua bochecha e o beijo foi suave.

Depois, apenas a observei em silêncio.

— O que foi? — Sorriu enquanto eu ainda segurava seu rosto.

— Estava me perguntando.

— O quê?

— Se você sabe tudo o que eu quero te dizer.

— Sei sim.

Nossos lábios se encontraram novamente.

— Será essa a nossa frase? — Meu olhar pousou, divertido, sobre ela.

— Parece bom para mim.

Ártemis costumava me dizer que não precisava de palavras ao vento ou promessas vazias. Não precisava que eu dissesse “eu te amo” para provar alguma coisa. Isso ela já sabia. O que bastava para nós era saber que se estendêssemos a mão para o lado encontraríamos o outro.

Puxei-a para mim de modo que nossas frentes se tocassem.

— Você sabe, não é? — ela sussurrou.

— Sei — respondi no mesmo tom.

E então, quando eu podia dizer que enfim conhecia a felicidade, o destino nos pregou uma peça. Lembro de Ártemis e Apolo enfurecidos pelo insulto de uma rainha para com Leto. Nós quatro descendo sobre Tebas. A luz dourada que mergulhou a guarda em um sono de morte. Flechas que dizimaram toda uma prole. Carnificina. Espíritos errantes. Uma cidade tomada pelo caos. Cobranças e indagações que despertaram a ira de Zeus; ira que varreu o Olimpo e nos alcançou.

Não demorou e fui chamado à sua presença em uma sala ampla e iluminada por piras. Para minha surpresa, Ártemis estava diante dos degraus de pedra, parecendo tão ressabiada quanto eu.

Ele nos observava do alto da escadaria. A despeito de sua aura colérica, não alterou seu tom ao se dirigir a nós, o que me causou arrepios de alerta. Limitou-se a dizer o quão longe havíamos ido e, como consequência, nós quatro seríamos separados, além de sofrermos uma punição à altura de nosso ato. Eu não sabia onde estavam Apolo e Thanatos mas, depois do que quer que acontecesse conosco, eles seriam os próximos.

Primeiro, Zeus falou à filha. Ela deveria voltar para a Arcádia onde uma guarda pessoal de guerreiros zelaria por seus passos. Achei ofensivo. Houve contestação e revolta, porém sua batalha já estava perdida.

— Avisarei as Caçadoras — ela disse com frieza.

— Acho que você não entendeu. Sua guarda será de *guerreiros*.

Todo o semblante dela se transfigurou nesse momento.

— Vai colocar homens para me vigiar?

— Não é um passeio pelo bosque, Ártemis.

A mirada castanha faiscou.

— Amaldiçoo o dia em que minha mãe pôs os olhos sobre você.

Se aquilo o afetou, ele não demonstrou. Em seguida, voltou-se para mim, que o encarava com desprezo. Fez um breve discurso sobre a minha participação no episódio e como a situação era lamentável.

— Você é o deus do Sono, um manipulador da mente — prosseguiu em seu jeito dissimulado. — E seus amigos precisam de um choque para colocar o juízo

no lugar.

— Você é o grande Zeus, Senhor dos Raios. Quem melhor para dar choques?

— Eu adoraria, mas o castigo não é meu.

— Não vou fazer isso.

— Prefere que todos os seus irmãos paguem no seu lugar?

— Por que acha que me importo?

— Vou deixar bem claro. Você vai fazer sim ou trarei Thanatos aqui e o estriparei na sua frente de modo que não reste nem a alma dele.

Houve um silêncio pesado quebrado somente pelo crepitar das piras. A mais pura hostilidade exalava de mim. E, naquela quietude que parecia eterna, a voz de Zeus soou, dessa vez, na minha cabeça.

“Todas as memórias e lembranças que Ártemis tenha de vocês dois devem sumir. Você vai desaparecer da vida dela, Hypnos. E isso será feito pelas suas mãos. Essa é a sua punição”.

“Não pode estar falando sério”. Senti o calor deixar meu corpo.

Um sorriso sutil e cruel se insinuou em seus lábios.

“Talvez Hera tenha alguém para consolá-lo. Faça ou mandarei executar Apolo e a irmã”.

“Você não teria essa coragem...”

“Um ato tempestuoso requer uma resposta enérgica; isso é política. Quer mesmo pagar para ver?”

Encarei-o por um instante, todo meu interior revolvendo em fúria. Ele já havia sido extremamente violento com Apolo em uma ocasião na qual sua autoridade poderia ser colocada em xeque. Eu sabia de sua predileção por Ártemis, todavia, também conhecia seu amor e apego pelo trono do Olimpo; Zeus seria, *sim*, capaz. Foi quando ela falou ao meu lado, decidida.

— Faça. Vamos acabar logo com isso.

Dei um longo suspiro me voltando a ela.

— Ártemis...

“Nem uma palavra, Hypnos!” a voz trovejou. *“Ou irei matá-la aqui!”*. Miserável!

— Somos irmãos mais velhos. É nosso dever cuidar de nossas pragas, certo? — Seus olhos se marejaram. Seria um pressentimento? Isso fez algo se quebrar dentro de mim. — Não se preocupe, vai ficar tudo bem. — *Não, não vai...*

— Me perdoe...

— Daremos um jeito nessa vigilância. — E sorriu.

Estou certo de que ela também podia ver seu reflexo na camada de lágrimas que se formou quando segurei seu rosto entre as mãos. Minha respiração se tornou mais curta.

— Você sabe, não é? — murmurei.

— Sei.

— Por favor, não esqueça isso...

Seu cenho se franziu, porém, não houve tempo para mais nada. Uma suave luz dourada envolveu-lhe as têmporas; a dor era lancinante. Eu sei, pois seus dedos crispavam em meus ombros ao mesmo tempo em que um suor frio brotava de sua pele.

Aqueles poucos segundos foram os mais torturantes da minha vida. Meu olhar estava fixo em Zeus, mas eu podia sentir as lágrimas descendo por meu rosto enquanto a mulher que eu amava sofria em minhas mãos e eu desvanecia de sua memória, pondo no lugar lembranças que não existiram.

Um grito escapou de seus lábios e Ártemis desabou em meu peito, desacordada. Levei-a para um aposento reservado, onde a coloquei na cama, sentando-me ao seu lado. Ódio... dor... era tudo o que sentia.

— O que aconteceu aqui jamais deverá ser revelado a ela. Entendeu? — A ordem veio da direção da porta.

Meu corpo inteiro se eriçou; *não fale comigo*. Inclinei-me e a beijei. *Não vou desistir de nós. Eu prometo*. Quando levantei, não olhei para trás; era muito para mim. Ao sair do aposento, me dirigi a Zeus.

— Nunca mais a ameace desse jeito. E fique longe do meu irmão ou juro pela minha alma que virei atrás de você. E não haverá lugar em que poderá se esconder.

O cantar melancólico de uma ninfa em um lago desfaz os fantasmas e me

arrasta de volta ao vazio do presente. Fecho os olhos com um suspiro. Cante suas ilusões, sereia, e me traga algum conforto.

De súbito, um ruído seco corta o ar e, segundos depois, uma flecha se crava na árvore ao meu lado. Uma ruga se forma em minha testa. *Ela* não dá tiros de alerta, então quem foi o desgraçado? Não tarda e a voz que domina meus pensamentos flutua até mim com aquela nota de ironia que eu adoro, acelerando meus batimentos.

— Você não é o tipo de caça que espero encontrar neste bosque.

Ali está ela. A túnica curta na altura dos joelhos, os cabelos em um rabo de cavalo, braços cruzados na altura do peito, a aljava e o arco de prata presos às costas. Linda como sempre.

— Fico feliz por ouvir isso.

— O que faz aqui, Hypnos? — pergunta com um meio-sorriso. — Perdeu o caminho para casa?

— Não. — Sorrio também. — Desculpe por não pedir licença, mas não sabia quando poderia encontrá-la. Muitas coisas aconteceram; eu precisava espairecer. E esse bosque é especial; tem algo de sonho aqui.

Vejo seu sorriso se alargar ao se aproximar e passar ao meu lado.

— Bela saída.

Reparo no pingente em seu pescoço e o entusiasmo vibra em meu corpo. Quem sabe?

— Interessante. — Indico a peça.

— Cinzas de fênix — diz, passando os dedos pelos contornos do pequeno urso. — Presente de Apolo.

“*Não, Ártemis... eu dei esse colar a você*”.

Disfarço a frustração com um aceno.

— Notícias dele?

— Não, desde que o Todo-Poderoso me isolou aqui.

Tristeza e raiva cobrem seu semblante. Meu coração se aperta e resisto à vontade de abraçá-la.

— Se eu tiver qualquer informação, você será a primeira a saber.

Seu olhar maroto me acerta em cheio. Ao longe, uma presença chama minha atenção. Eu sei quem é, embora não consiga vê-lo daqui. Quase sinto o seu miasma. Um dos guerreiros da guarda pessoal designada para vigiá-la; o mortal ardiloso que, aos poucos, ocupa o lugar que me foi tirado de maneira tão covarde. É hora de ir.

— Acho que isso é seu. — Mostro a flecha que tirei da árvore.

Estendo a mão para entregar-lhe o objeto e nossos dedos se tocam. Uma torrente de imagens invade minha mente: aventuras que passamos juntos, beijos vistos por corças com cascos de prata, noites tórridas sob o céu da Arcádia. Nossos olhares permanecem um no outro um pouco mais que o necessário; ela sorri.

— O que foi? — pergunto acompanhando seu sorriso.

— Não sei. — Ártemis meneia a cabeça e pega a seta. — Tem algo em você que não me faz querer te acertar com uma dessas; mesmo invadindo meus domínios.

Tenho que rir.

— Vou aceitar isso como um elogio.

— E foi. Mas não fique perambulando pelo meu bosque, Hypnos. Eu posso não estar com um humor tão agradável da próxima vez.

— Vou me lembrar disso.

Observo-a se afastar indo ao encontro dele. *“Olhe para trás, Ártemis... olhe para mim!”*. Meus instintos gritam para não deixá-la ir, mas, à força, os silêncio. Então, ela se volta brevemente por sobre o ombro com um sorriso encantador. Uma onda de calor varre o meu peito.

Viro para tomar o caminho de Lemnos. Dou alguns passos quando ouço sua voz às minhas costas.

— Você sabe, não é?

Entre Canção de Aquiles e Cidade de Hades

AUTORIA LUÍSA SCHEID

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL



Luísa Scheid é uma típica capricorniana, teimosa e desconfiança. Adora música e tem uma playlist para qualquer situação. Quando não está escrevendo, está jogando vôlei ou cantando musicais para todos os vizinhos ouvirem.

A mitologia não morreu. Apenas tira cochilos antes de ser acordada por novas vozes. Podemos encontrá-la não apenas em repetições de velhas histórias, mas em recontextualizações que humanizam Deuses e Heróis que, por vezes, são vistos apenas como estátuas de mármore.

Em *A Canção de Aquiles*, Madeline Miller retira o peso do *épico de guerra* para focar no *épico de amor*. Ao escolher Pátroclo como narrador, Miller traz uma nova visão à conhecida narrativa de *Ilíada*. Em vez de focar apenas na fúria e no sangue da Guerra de Tróia, a obra foca na vulnerabilidade, apresentando a relação entre Aquiles e Pátroclo, que deixa de ser uma nota de rodapé acadêmica para se tornar o motor da tragédia.

O musical de Anaïs Mitchell, *Hadestown*, transporta o mito de Orfeu e Eurídice para um cenário que mistura a Grande Depressão americana com um sub-mundo industrial. Hades não é apenas o Deus dos Mortos, mas um magnata autoritário. A obra questiona por que repetidamente contamos a mesma história trágica — em que Orfeu, seja qual for o motivo, olha para trás e perde Eurídice tão perto de alcançar seu objetivo —, sugerindo como resposta a esperança de que, desta vez, o final seja diferente.

Por sua vez, *Epic: The Musical*, criado por Jorge Rivera-Herrans, adapta a Odisseia a uma sonoridade contemporânea, tendo como foco a transformação de Odisseu, um homem que tenta manter sua humanidade, mas aos poucos entende que, enquanto líder, “a crueldade é misericórdia” para com os seus.

A maior lição que essas obras deixam não é que devemos todos escrever sobre Zeus ou Atena, mas sim que a estrutura mítica é universal. A relação entre *Hamlet*, de Shakespeare, e *O Rei Leão*, da Disney, ilustra como o esqueleto de uma história pode ser revestido com qualquer pele. Para escritores, a repaginação da mitologia oferece um guia para construir mundos. Não é necessário citar o Monte Olimpo para evocar a força de um arquétipo, afinal, por trás de cada raio de Zeus,

há busca por poder ou medo da substituição.

A mitologia sobrevive porque ela fala sobre o que significa ser humano — nossas falhas, nossos amores e nossa luta contra o destino. Ao olhar para obras como *Hadestown* ou *A Canção de Aquiles*, aprendemos que o passado não é uma prisão, mas uma fundação sobre a qual podemos construir qualquer universo que nossa imaginação permitir.



AUTORIA ELI SILVESTRE

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO THAIS ROCHA



Eli é engenheira mas nunca deixou de lado a paixão pelas artes. Gosta de dançar, escrever, falar sobre sonhos e pensar demais em coisas desimportantes.

A primeira vez que li sobre Menta, meu tempo online era delimitado pelos créditos que pagava na *lan house*. Gostaria de dizer que sempre fui uma intelectual, mas, sendo sincera, só estava procurando material para um trabalho de escola quando me deparei com a pequena página da enciclopédia virtual.

Algo sobre uma ninfa do submundo ainda, de todos os lugares! Um breve contexto seguido do desfecho trágico: irritou uma deusa e, pronto, virou planta. A amante de uma divindade que não era nem um pouco conhecida pelos escândalos extraconjugais. Numa mitologia de histórias extensas, inúmeras versões, protagonistas e coadjuvantes mil, o amor dos dois parecia uma mera vírgula literária.

As ausências nessa história me marcaram muito mais que os grandes feitos de tantas outras. Tanto que, anos depois, ainda me pego lembrando desse amor tímido, um tanto frágil, atropelado pelo drama teatral que é a união de Hades e Perséfone.

São tantas as perguntas não respondidas quando se trata desse mito: onde teriam se conhecido? Numa caminhada noturna à margem do Cócito... *ao menos há dia por lá?* Num banquete, num labirinto, numa pastagem na colina... *isso ao menos importa?* É só o breve relato de um romance tão discreto que desaparece delicadamente na primeira sombra, que mal vale uma página recheada na enciclopédia virtual.

Deixe estar que fosse só um mito de origem para Menta e uma justificativa esotérica para seu uso nos ritos fúnebres; é difícil passar indiferente por uma história de amor, mesmo que esteja bem nas entrelinhas.

Tem algo de muito real no breve romance de Hades e Menta. Talvez o mais real dos mitos românticos gregos. Até porque todos nós conhecemos histórias parecidas, guardadas as devidas mudas de hortelã; sejam aquelas nas quais fomos protagonistas ou meros narradores observadores. Contos cotidianos de um sentimento que nunca foi, ensaio que nunca chegou mesmo a virar peça. Casos vívidos

num intervalo entre grandes paixões. Carinhos discretos, que fogem correndo de demonstrações exageradas de paixão. Todos já estivemos nesse lugar.

Essas histórias também precisam ser contadas, mesmo que mal tomem dois parágrafos bem dedicados e floreados, e sua brevidade traga uma melancolia que dói de levinho no peito. Me conforta saber que, num mundo de deuses, heróis, ninfas e sátiros, esse pequeno conto tão singelo também tenha encontrado sua morada. Assim como Menta encontrou seu lugar nas montanhas, crescendo junto aos altares de Hades.

A Oferenda

AUTORIA VICTORIA BARROS

EDIÇÃO EQUIPE EDITORIAL

REVISÃO THAIS ROCHA



Nas horas vagas, Victoria é professora de língua portuguesa e mestre em literatura comparada pela UERJ. No seu viver cotidiano, ela é uma leitora voraz de ficção, principalmente das obras de J.R.R. Tolkien, e de clássicos, como "A Ilíada", mas não deixa de lado seus romances água-com-açúcar cheios de tropos previsíveis. Atualmente, está fascinada pela Antiguidade Grega e jura ser uma bruxa descendente de Circe e de Hécate - mas a única bruxaria que ela consegue fazer é se atrasar menos.

Com os pés descalços, sentindo a força da terra que estava prestes a se tornar, novamente, fértil, ela andava recolhendo os ramos de ervas. O braço direito recolhia-os um a um, equilibrando todos no braço esquerdo. O perfume da mistura herbal dominava o ar por onde passava, sempre crescendo, até tornar-se impossível não perceber. Mesmo os mortais — que não podiam vê-la — conseguiam sentir a inebriante mistura olfativa, remetendo-lhes a algo extraordinário, mágico e perigoso.

O ar da noite estava elétrico, como se o poderoso Pai dos Deuses houvesse concedido seus raios a Zéfiro e seus irmãos. A cada lufada de ar, a eletricidade corria, arrepiando os pelos dos braços de cada ateniense que andava pela ágora naquela noite. A crescente lua no céu sem estrelas dava um leve brilho para o chão das *aguiái*, tornando visíveis os pequenos ramos presentes aqui e acolá.

De diferentes tamanhos, eles continham folhas de louro, anis-estrelado e alecrim dentro de sacos amarrados por diferentes tipos de tecido — alguns mais simples e sem cor, outros luxuosos e tingidos de um belo carmim. A única semelhança era o posicionamento: sempre em encruzilhadas. Deixados no meio delas ou mesmo em cantos escondidos, os ramos se encontravam presentes em boa parte das *aguiái* atenienses naquela noite.

Paulatinamente, eram recolhidos.

A cada ramo recolhido, uma nova voz vinha em seus pensamentos.

“Dê-me forças, Deusa Mãe, para enfrentar o meu caminhar.”

“Conceda-me discernimento para continuar meu caminho, Velha Deusa, e para melhor auxiliar minha prole.”

“Auxilia-me no amor, Jovem Deusa. Ensina-me a amar sem arrependimentos.”

“Agradeço-te, Velha Deusa, pela sabedoria concedida. Acolha minha gentil

prole, Jovem Deusa, para que possa viver e vivenciar da melhor forma possível.”

“Diga-me se devo escolher entre o amor e a segurança, Deusa Tríplice.”

“Ajuda-me, Mãe, a deixar minha fortaleza sempre segura. Que os Ventos que trazem os navegantes possam fazer com que os navios encalhem nos rochedos. Que, se o Mar da Ilha quiser que eles aqui cheguem, a tua força seja maior do que a Dele.”

A cada ramo, um pedido.

Ao toque das pontas dos dedos nas ervas selecionadas, uma intenção desvelada.

A cada revelar, uma escolha de como responder.

A cada resposta, mais um destino traçado.

A cada destino, maior a sua responsabilidade.

Um uivo do fiel companheiro chamou sua atenção para um arranjo em especial. Cérbero correu agitado até o suntuoso ramo que estava no meio de uma encruzilhada. Abaixando-se, a barra do peplo preto se arrastou ainda mais no chão. As pequenas costuras prateadas reluziram sob a luz do luar, cintilando e mostrando o intrincado padrão de cobras a serpentear. Ela, então, observou que as ervas não estavam no costumeiro padrão de três, mas, sim, de nove. Cada pequeno grupo de três tinha uma unidade própria: o primeiro era composto por ervas novas, ainda não maduras; o segundo, por ervas maduras e prontas para o consumo; já o terceiro era repleto de ervas perto de estragarem. Cada grupo fora amarrado por pequenos fios carmim, todos eles dentro de um belo saco de mesma cor. Acompanhando-os, havia ainda uma pesada chave de bronze.

A cabeça da chave era ampla, com detalhes circulares lembrando olhos em seu interior; o exterior era formado por uma cobra que parecia comer o próprio rabo. O cabo, longo e grosso, conectava a cabeça ao barbe e tinha dois anéis perto de ambos. Os anéis pareciam simples, mas eram decorados com padrões de anis-

-estrelados. O barbe, por sua vez, tinha os dois lados perfeitamente simétricos, com duas cobras que faziam as ranhuras específicas da porta que aquela chave abria.

“Dê-me seu amor, Deusa Tríplice.”

Riu. Riu da maneira como apenas *ele* a fazia rir. Segurando o arranjo de maneira delicada, amarrou-o junto à cintura. Já a pesada chave, retirou-a do saco e deixou-a entre os seios. Continuou seu caminhar tranquilo, recolhendo as oferendas e ouvindo os pedidos que lhe foram feitos.



Andou horas sem fim, escrutinando cada encruzilhada, retornando ao lar quando a carruagem de Hélio ainda estava por cruzar os céus. Levantou os olhos enquanto a carruagem passava, lançando-lhe um sorriso e um leve aceno. Apesar da distância entre ambos, algo lhe dizia que o Cocheiro Solar havia acenado de volta. Aproveitou-se de sua luz — que parecia ainda mais forte após o breve aceno — para caminhar em direção à entrada de seus aposentos.

No meio de imensas rochas, abria-se uma passagem para uma caverna. Nada ao redor crescia. Os únicos animais que raramente se aproximavam eram os serpentinos, arrastando-se junto à entrada. Entrou na imensa escuridão rochosa, com os hábeis dedos longos encontrando ao fundo o archote com o Fogo Inapagável de Zeus. Prosseguiu segurando-o na mão direita, enquanto os arranjos continuavam firmemente nos braços. Cérbero andava à frente, não necessitando de luz alguma para se encontrar naquele que já era seu lar. Cada uma das cabeças do gigantesco cão negro apontava em uma direção, percebendo os arredores com grandioso instinto. Apesar de estarem em um caminho conhecido, e possivelmente sem ameaças, o cão continuava com sua postura desconfiada, levando a sério a missão imposta por seu dono: cuidar da deusa.

Entre reentrâncias e suaves curvas, chegaram, enfim, aos aposentos divinos.

Vazios eram eles em relação às habitações de outras divindades, mas ela assim os preferia, pois a ajudava a se concentrar naquilo que realmente precisava. As nove colunas de mármore circulavam um umbral no centro do aposento. Embaixo dele, um único assento de madeira.

O encosto era curvado com as pernas finas e viradas para fora, quase arqueadas. Feita por madeiras em diferentes estágios — novas, antigas e apodrecidas — era tríplice, assim como ela. Nos trilhos ao redor do assento, destacavam-se as serpentes que se entrelaçavam até atingir o encosto, subindo e descendo. Aos pés da *klismós*, deixou as oferendas recolhidas, para se sentar logo em seguida com os joelhos de lado, repousando as mãos sob o peplo. O delicado cinto de mesmo tom prateado era agora visível, assim como as pregas que delicadamente caíam, ressaltando o colo.

Os cabelos pretos estavam presos no topo da cabeça, com alguns poucos fios soltos. Os olhos verdes chamavam ainda mais atenção pelo contraste com a bela pele negra da Deusa. Seus lábios voluptuosos abriam-se em um leve sorriso ao pôr no colo a oferenda que lhe chamara tanto a atenção.

“Dê-me seu amor, Deusa Tríplice.” Era um pedido um tanto quanto ousado, caso fosse um mortal a fazê-lo.

As três cabeças de Cérbero se levantaram ao mesmo tempo, uivando em alegria. O grandioso rabo batia contra o chão em tremenda felicidade. Quando a mão calejada acariciou cada uma delas, o cão pareceu se derreter pelo reconhecimento por parte de seu dono.

— Espero que esteja fazendo um bom trabalho cuidando de nossa Deusa — sussurrou.

Com um bater de rabo que parecia responder positivamente à questão, Cérbero deixou que o recém-chegado se aproximasse da Deusa.

— Vejo que recebeu minha oferenda — disse o Deus com um sorriso que

lhe iluminava o rosto, coberto pela barba preta e curta.

O cabelo encrespado também era curto sob a justificativa de que, em uma guerra, fios longos não ajudavam (que os atenienses não o ouvissem). Que guerra lutaria, ele nunca sabia, mas gostava de pensar estar pronto para quando ela viesse, por isso, por cima do quíton preto vestia peitoral de metal escuro.

— E vejo que pensou bem nela — a Deusa respondeu com um sorriso.

— Ora, a noite não é mágica sem propósito, Deusa Tríplice. E o propósito de hoje é lhe adorar incondicionalmente. E como demonstrar isso sem que uma oferenda digna de ti fosse feita?

— Ora, o Deus do Submundo está com mel nos lindos lábios.

— Preferiria ter o seu mel em meus lábios, Deusa. É o mais maravilhoso que já pude experimentar em toda a eternidade.

— Melhor do que a Ambrosia dos deuses?

— O que é a ambrosia perto de você?

Hécate gargalhou e Hades soube que havia conquistado o direito de se aproximar. Com delicadeza, apoiou uma das mãos no espaldar da cadeira, encarando os brilhantes olhos verdes.

— Então, o Deus do Submundo pede por amor. Não seria mais fácil consultar sua tia para tal missão?

— E qual seria a graça em pedir que a Deusa do Amor lhe enfeitiçasse quando a conquista de seu coração é aquilo que me move?

— Ora, ora, ora, está conversando com poetas, Hades?

— Não. Porém, seu elogio significa que minhas palavras estão, finalmente, lhe causando algum tipo de fraqueza? — retrucou ele com um sorriso no canto dos lábios.

Aproximou-se ainda mais dela, inclinando seu rosto. A luz do archote tornava a pele negra ainda mais brilhante e radiante.

— Fraqueza? Nunca. A possibilidade de conseguir ao menos uma noite de afeto? Quem sabe.

— Eu pedi por seu amor, Deusa, não uma noite afetuosa — retrucou mais uma vez, a ponta dos dedos passando pelo rosto dela até terminar em seu queixo, o qual segurou para que ela o encarasse no fundo de seus olhos cinzentos. — Mesmo que eu saiba não ter a força de vontade para negar qualquer um de seus pedidos, nem mesmo se desejar me ter por apenas uma noite.

— Pobre Hades... — disse ela sarcasticamente, apreciando a maneira como os dedos dele se moviam sob sua pele, acariciando-a com carinho, sensualidade, desejo e, até, quem saberia dizer, alguma espécie de amor.

— Pobre Hades, apaixonado por Hécate. Os poetas deveriam escrever sobre como você me rejeita e me usa apenas para seu deleite.

— Não uso somente você, querido, lembre-se. — A afirmação arrancou uma leve gargalhada dos lábios dele e, conseqüentemente, um sorriso aos lábios dela.

Ainda acariciando o queixo dela, o Deus do Submundo lhe perguntou:

— Você sabe de onde é a chave da oferenda que fiz?

— Por favor, não me diga que é a chave de seu coração...

— Não, eu não seria *tão* óbvio assim — ele disse, revirando os olhos. — Eu lhe dei a chave de *todo* o submundo, Deusa. Ela abrirá toda e qualquer porta que você assim desejar.

Poucas coisas poderiam surpreender Hécate, mas a certeza com que Hades falava sobre seus sentimentos e a entrega desta chave lhe deixaram sem palavras. Apesar de saber que não era parecido com o irmão mais velho, cuja vida era regida por seus desejos repentinos e tempestuosos, ela não confiava na palavra de nenhum Olímpico. Eram jovens demais para que pudessem ser confiáveis, instáveis demais...

No entanto, Hades a surpreendia.

Desde o momento em que o conhecera, ela sentia uma certeza irredutível em suas palavras e em suas ações. Sua determinação movia não apenas todo o Submundo — o que era um espaço grandioso a ser considerado —, mas também cada ação que tomava. Parecia que, antes de dar um passo, sua mente já calculara tudo o que precisaria fazer para chegar àquele ponto.

Calculista. Frio. Determinado.

Determinado o suficiente para continuar em sua, até então, vã tentativa de tê-la para si. Mas agora... a chave do Submundo inteiro sem que ela tivesse qualquer ligação com ele? Nem mesmo Afrodite, esposa de Hefesto, que detinha uma das passagens para o Submundo, tinha acesso irrestrito ao local. Hécate, porém, o teria caso o desejasse.

— Está tentando me comprar, Olímpico?

— Nunca. Eu não seria tolo para pensar nisso. Estou lhe oferecendo a chave para tudo sem nada querer em resposta. Nem mesmo a possibilidade de tê-la para mim, Deusa. Quero apenas que saiba que falo sério sobre aquilo que sinto.

— E como saber se esta chave não é apenas uma bela criação de Hefesto?

— Você acha que eu lhe traria uma chave e contaria uma bela história apenas para que se provasse falsa ao final? Eu sou o Deus dos Mortos e do Submundo, não me confunda com Hermes e suas mentiras.

Hécate sorriu e, de maneira bem-humorada, mordeu levemente um dos dedos dele, que ainda lhe acariciavam o queixo. Hades riu levemente e bateu com a ponta dos dedos no nariz dela.

Encararam-se por alguns minutos, o silêncio a reinar entre eles.

— Então, eu precisarei tentar abrir *todas* as portas do Submundo para saber se você diz a verdade?

— Ou você poderia simplesmente acreditar em mim, mas creio que você preferirá fazer um experimento, não, Deusa?

— Talvez... — Hécate tirou a chave de dentre seus seios e a encarou. — Diga-me, ela também abre a porta de seus aposentos? Creio que poderíamos começar por ali — ela perguntou com um sorriso nos lábios.

— Certamente, Deusa. Mas eles nunca estiveram fechados para você.

Hades ofereceu a mão para que Hécate se levantasse e levou-a gentilmente aos lábios antes de entrelaçar seus dedos aos deles. Assobiou para Cérbero que, prontamente, se levantou de seu posto e caminhou despreocupadamente com os Deuses.



Apoie a revista

Se você gostou do conteúdo e quer nos ajudar a caramelizar mais maçãs, você pode nos apoiar através do Catarse. A Revista Maçã do Amor conta com voluntários, que editarão e publicarão a revista independentemente do valor arrecadado. Ao apoiar, você ajuda a garantir que esse trabalho aconteça com a remuneração da equipe e futuramente dos artistas publicados. A Maçã do Amor é feita de brasileiros para brasileiros, focada na expressão de artistas nacionais. Financiar a Maçã do Amor é financiar a literatura e a arte visual nacional.

Compartilhe uma maçã

Se você gostou do conteúdo mas não pode nos apoiar financeiramente, compartilhe esta revista com seus conhecidos. Ajude-nos a levar amor para todos os cantos.

Participe

A Maçã do Amor é uma revista de participação aberta. Você pode enviar seus textos através dos editais para as redes sociais ou para a revista. Confira nosso site para maiores informações e seja você também uma Maçã do Amor.

 revistamacadoamor.com

 @leiamacadoamor  @leiamacadoamor

Créditos

Edição Ana Farias Ferrari
Luísa Scheid
Tatiane Lucheis

Revisão Camila Paixão
Thais Rocha

Design Rafael Moreira

Convidados Thais Rocha

**Autores
selecionados** Carol Saiki
Elaiza Kós
Eli Silvestre
Jhan Daetwyler
Natalia Pretto Zolonoff Leite
Victoria Barros

Apoiadores Ariane Barreto Haagsma
Elizabeth Fortunatti Albregard
Érulos Ferrari Filho
Igor Canko Minotto
Willian Miyasaka